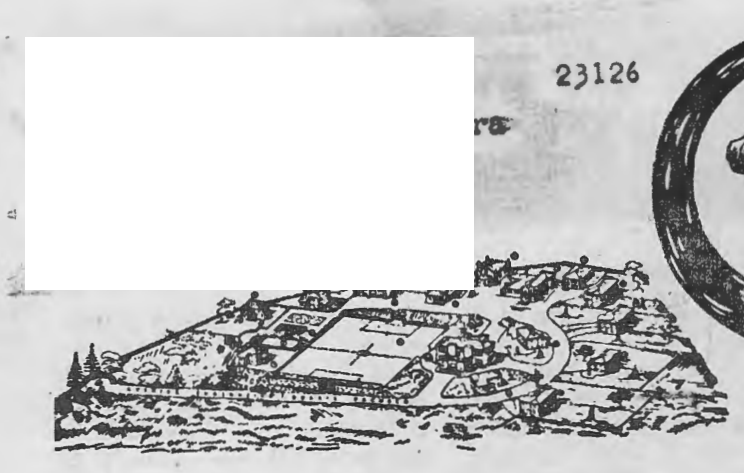
23126



O Gaiato

18 DE MARÇO DE 1972

ANO XXIX — N.º 731 — Preço 1$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Festas

Que bom este princípio de tarde!

Acabo de dar uma volta por aí com os pequenos chefes de grupo, a combinar trabalhos. É fatigante conduzir crianças — diz-se. É verdade! Mas incomparàvelmente menos do que dirigir adultos, que tantas vezes o não são!

Ah, se não houvesse escritório e burocracias e coisas importantes e complicações que o homem tece a enredar a vida — que feliz seria vivê-la ao lado dos pequeninos ; que salutar tal companhia a recordar-nos incessantemente que, «se nos não tornarmos como eles, não caberemos no Reino do Céu»!

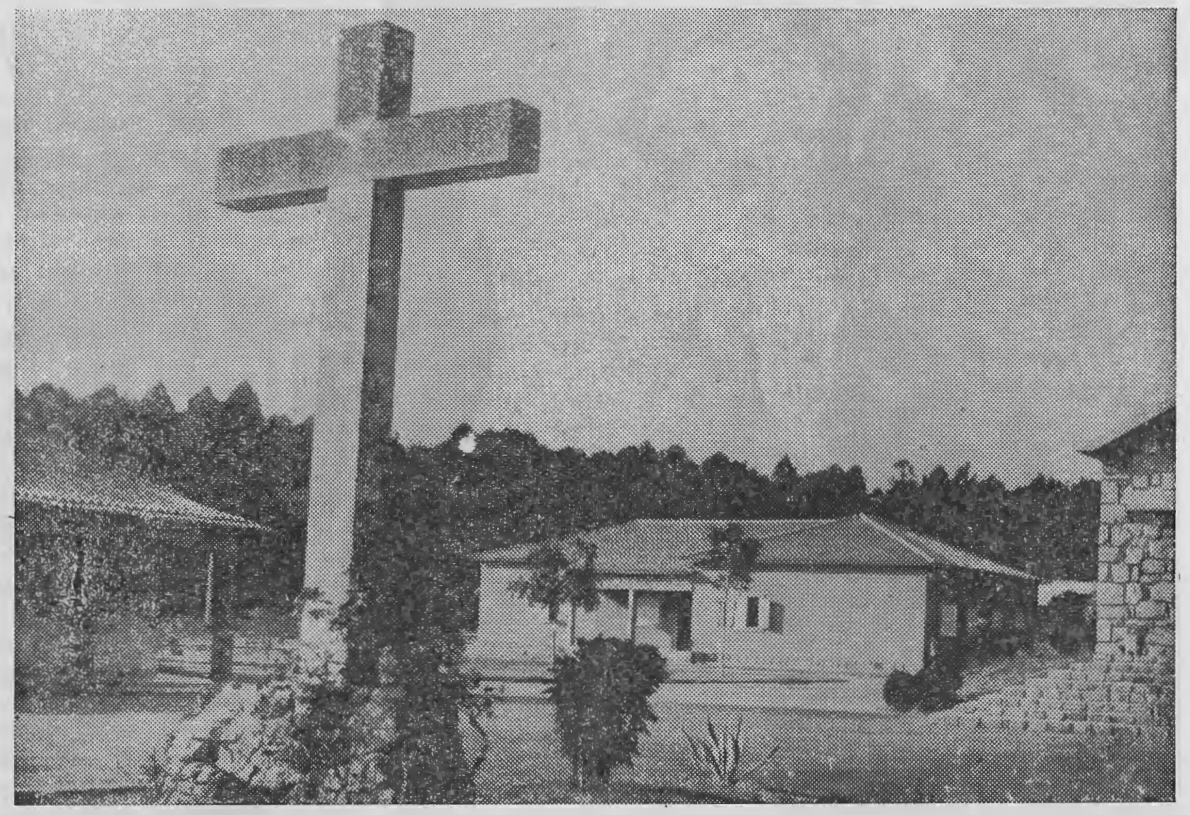
Eles lá estão na sua faina. Ouço-os. Vão brincando à mistura. É a receita de Pai Américo, afinal: «Fazer grandes coisas como quem brinca»! Ai de nós se não entremeássemos de brincadeira as coisas importantes, as complicações que o homem tece!

A alegria é um tempêro divino que nunca se acaba onde a Fé e a Esperança são. Com ela há sempre sol, mesmo que o astro-rei se esconda. E a brincar, os pequenos vão dando realização ao que o Povo diz: «Trabalho de criança é pouco; mas quem o despreza é louco».

Quem dera fôsse possível viver sempre ao pé deles, formando-os a partir dos acontecimentos de cada instante, simples, sem história — e no entanto o potencial mais rico para «fazer de cada rapaz um homem», porque realidades da vida, vivas!

Deixei os meus companheiros orientados para a tarefa deste dia e vim por aí acima assistir à partida da Companhia, **que foi ao ensaio geral. À noite será a estreia em Penafiel. Parece-me que ainda não tomei bem consciência de que é hoje mesmo a estreia. O que o** espectáculo **é — não sei. Tampouco o**

Cont. na TERCEIRA página



Em frente, uma nova moradia da nossa Aldeia de Malanje — com o bafo da Cruz.

LOURENÇO MARQUES

Suscitou certo interesse, mas relativamente pouco, a abordagem que a imprensa local fez ao assunto dos bares em Lourenço Marques. Digo relativamente pouco, porquanto incidiu nas repercussões económicas no meio, dependente, segundo parece, da frequência de estrangeiros no nosso porto. Prevalaceu o critério «Turismo», o fadado impulsionador dos sistemas económicos menos evoluídos, para que tudo ficasse como dantes.

Vozes escandalizadas defenderam uma moral desajustada a tais lugares, e outros colocaram o problema no âmbito dos males necessários que não se podem cercear, mas apenas confinar a determinados locais, com tabelas repressivas para abusos desmedidos. Ora o assunto sensibilizou-me, porque transbordam para esta casa e outras semelhantes muitos escorrimentos da podridão que vai por aí. Que bem se ela estivesse confinada a certos limites urbanos e morais! Mas todos sabemos que a imoralidade não tem limites e mesmo que sejam impostos, há tendência a excedê-los.

É que há mães de menores, necessàriamente abandonados, cuja vida se passa nos bares e «cabarets».

Há tempos negámos a entrada, por atraso mental, a três miúdos cuja mãe é das tais. Pergunto se será licito permitir os chamados «males necessários», quando as suas consequências são necessàriamente aviltantes da mulher-mãe e degradantes duma sociedade que se deixa sobrecarregar com alienados mentais — não bastasse outras causas incontroláveis do mesmo efeito — e viver impassível ou ignorar mesmo, o esforço que se tem feito a favor de tais crianças!

Cont. na QUARTA página

Setúbal

Numa destas últimas semanas eu estava a deitar-me no Lar, à meia noite, quando ouço o quebrar de vidros. Um, e outro e depois outro. Intrigado abri o veda-luz da janela e vi dois rapazolas que, à pedrada, se divertiam em partir as janelas da Escola Pública situada na minha frente. Por entre gargalhadas ruidosas estilhaçaram ainda mais dois vidros.

Vesti a roupa já despida, chamei dois rapazes e corri, porta fora, no encalço dos adolescentes, para os apanhar. Gastei o meu fôlego até ao Quebredo e valeu-me o Joe, que, mais ágil, conseguiu apanhar um.

Tinha satisfeito o meu intento. Precisava da identificação do moço apanhado, que o outro sê-lo-ia depois. Pensei um pouco, e, com a ajuda de outras pessoas resolvemos ir dar conta do feito aos pais deles.

O rapaz apanhado guiou-nos para casa dos pais do seu companheiro. Premimos o botão da campainha. Veio a mãe. O pai não estava. Era meia noite e meia hora. Lavado em suor chega o fugitivo. Depois da advertência de todos nós, mostrou-se arrogante e altivo.

A mãe carinhosamente, dirige-se ao filho, meiga e vencida: — «Não te disse já filho, que não se partem os vidros».

Depois de nos agradecer, a mãe, doente e incomodada, pôs-lhe a mão nas costas impelindo-o a entrar em casa. O rapazola volta-se para a mãe, sacode-lhe o braço e repreende-a: — «Não te disse já que não gosto que me empurres». Eu pasmei.

Como é possível, em tempos como os nossos, que os pais permitam que os filhos trepem assim por eles acima a ponto de os dominarem e poderem fazer todo o mal que lhes apetece, sem consciência, sem responsabilidade e sem amor por ninguém?!... Com o conceito errado da promoção para a independência, muitos pais dão liberdade total aos filhos sem lhes exigirem responsabilidades e verificarem a sua capacidade. Estes dois adolescentes, de 14 anos, ambos estudantes, entrariam em casa às horas que lhes apetecesse!

Muitos optam também, pelo princípio de banir na educação dos filhos todo o castigo físico.

Há dias, em casa de uma família, o pai pedia por favor ao filho, criança ainda, que lhe fôsse buscar um objecto de que tinha necessidade. O pai não podia ser mais meigo no pedido. Insistiu três vezes. A criança respondeu que não ia porque o pai não o levava ao cinema. E não foi.

Penso que tanto o pai como o filho perderam muito nesta discussão. Se fôsse meu filho ia, e ia mesmo, nem que fôsse com dois açoites.

Sempre que o homem altera a natureza ou a sua ordem, perde-se e avilta-se.

Por algum motivo o decálogo existe, mandando honrar pai e mãe. O quarto mandamento da Lei a que me refiro

Cont. na TERCEIRA página

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

PELAS CASAS DO GAIATO

Alberto e Margarida

Paço de Sousa

Festas — Os ensaios terminaram com os artistas já em plena forma para iniciarem a primeira festa realizada no dia 25 de Fevereiro em Penafiel com lotação esgotada. Bom sinal para o nosso princípio desta digressão pelo norte do País. A segunda foi em Amarante onde fomos muito bem recebidos como, aliás, é costume. Contamos, nas outras cidades e vilas aonde nos deslocamos, ser bem recebidos — com fartura de Público — que nós faremos o melhor que soubermos e pudermos para agradar a esse simpático povo que nos acolhe com muita simpatia e amizade.

Futebol — O nosso onze continua em descanso; mas já começaram a aparecer cartas a marcar datas de encontros, o que é bom para que os nossos ases possam desenferrujar as pernas. Estamos em crer que, devido ao Verão se aproximar, as cartas apareçam com mais frequência. Nós cá estamos para as receber com alegria.

Livro — O segundo volume do «ISTO É A CASA DO GAIATO» está quase terminado. Tem dado muito trabalho, em especial aos encadernadores; mas como há falta deles, o nosso Chefe de oficina, o Júlio, chamou alguns compositores para ajudarem nesta tarefa, que tem andado da melhor maneira. Esperamos lá prá Páscoa ter pronta uma boa remessa deles.

Visitantes — Está a chegar a Primavera, o que é bom para a nossa Casa, porque os nossos visitantes gostam mais de a visitar no Verão do que no Inverno. É uma alegria para nós todos ver a nossa Casa com bastante movimento.

Lavoura — Está a terminar o Inverno. Começaram as podas, serviço que se tem de fazer para que as videiras possam dar bastantes uvas para que na nossa Adega nunca falte o vinho.

Os terrenos também já começaram a ser preparados para novas sementeiras.

Há dias, uma porca nossa teve uma ninhada de porcos. Morreram todos! Eram 12. Foi uma pena. Mas paciência. São coisas que acontecem.

Luís Nunes Marques

Gaiato

SEGUNDA pág. 18/3/72

Visado pela
Comissão de Censura

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Pobres — O povo tem o sentido da Justiça. Mais apurado quando a verdade não é deturpada — por interesses ou subterfúgios.

Faleceu, em tempos, um pobre velho, que socorreramos — até a própria Obra da Rua — com quanto nos fora possível. Precisava. Tinha filhos casados, cuja vida económica evoluiu muito — nos últimos anos. Mas o pobre pai era esquecido!

Veio a hora derradeira. E como ele tinha uma casita — feita sabe Deus com que sacrifício! — apresentaram-se à herda. Dividiram o bolo entre si, como é de lei...

O povo discutiu. Fez contas. E verberou a ingratidão e o egoísmo dos filhos. Até ao ponto de lamentar o quanto defraudaram quem dera a mão a seu pai!

O caso deu para meditação. Sob dois ângulos: o quase abandono dos filhos, o seu egoismo; e o nosso desinteresse material.

Quanto ao primeiro ponto, é moeda corrente. Não devia ser! E ameaça tão crescente que nós, só nós — humildes recoveiros — não poderemos debelar, por mais jeitos e trejeitos. A mentalização geral transcende o restrito circuito da nossa acção... Porém, assim como a esposa, legalmente, tem direito a ser sustentada pelo marido, porque não os pais, em precária situação económica, em relação aos filhos mais ou menos bem instalados? Ser-lhes-ia descontada uma parcelazinha ao seu bolo salarial, na própria folha patronal de salários ou por intermédio do departamento oficial competente. A solução não feriria a liberdade individual; mas responsabilizava-a pelos direitos do Próximo mais próximo. E arrumavam-se muitas tragédias. Haveria menos miséria. E mais Justiça Social. E Familiar.

No que se refere ao segundo ponto, o povo tem a sua razão para lamentar. O que é preciso, porém, é colocar as coisas no seu lugar! Acudimos a um prostrado. E não fomos — nem podemos — negociar herdas ou recompensas; mas reparámos uma flagrante injustiça. Custa a entender. As contradições evangélicas são assim mesmo. Como nos casos de filhos de pai ilegítimo (ou incógnito) — senhor poderoso, tantas vezes!, que foge às malhas ou à iniquidade das próprias leis... A Obra da Rua que o diga!

O que recebemos — «Uma assinante do Seixal» envia «300$00 com amizade, para a Conferência de Paço de Sousa». Mais Carcavelos, com um vale do correio, «para um Pobre dessa Conferência; queria fosse dos mais necessitados, pois festejo deste modo os meus 72 anos». Oh legenda espiritual! Um chale de Ordins, oferta de um amiga de Lisboa. Calçado de Carvicais. E a migalha habitual do assinante 17740. Mais 20$00 do assinante 10159, do Porto. Mais Porto com 50$00, «por alma da minha avó Soledade, falecida recentemente». E de S. João da Madeira também 50$00; «isto deveria ter ido antes do Natal — friza a nossa amiga — mas, nesta altura os afazeres são sempre muitos e, afinal, os Pobres não comem só pelo Natal». Muito e muito bem. Quem dera, até, que todos leiam e gravem isto bem fundo, na alma! Outra vez Porto, com 150$00 da velha amiga Alice Pequena que foi da Fábrica dos Tabacos. São amizades que o tempo não esquece. Finalmente, da Rua Lima Júnior, também do Porto, outro donativo «sufragando a alma de meu marido, amigo da vossa Obra».

Para todos, o nosso muito obrigado. E esclarecemos, uma vez mais, que os donativos devem ser remetidos em nome da *Conferência de Paço de Sousa.*

Julio Mendes

TOJAL

Campanha do Selo — E a marcha continua; o mesmo será dizer que a campanha do selo ainda não acabou. Estamos continuamente a receber, dos nossos leitores, selos usados. Estes não vêm só de Lisboa ou Continente. Até de Coimbra e França já vieram.

Caro colaborador, continua; caro leitor, começa a contribuir para esta campanha, que ainda estás a tempo.

Carnaval — Também entre nós se festejou a quadra carnavalesca. Dia 15, despegámos dos trabalhos às 15 horas. Os mais pequenos, uns mascarados outros mascarrados, lá tentaram meter medo uns aos outros. A malta maior, alheia às tentativas de susto dos mais pequenos, praticou o desporto-rei, como não podia deixar de ser. No final do encontro houve arraial de bombas, debaixo de um céu de serpentinas. Resumindo: só faltou fazer o enterro do entrudo.

Catequese — Começou para todos nós a Catequese. Acabado o trabalho diário, vai-se para o trabalho espiritual. Cada camarata com o seu grupo. Primeiro as orações de cada dia, depois o catecismo. Claro que à frente de cada grupo está um mais velho. Todo este trabalho se faz às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras. Assim se vão formando autênticos cristãos para o Mundo.

Campo — Ainda persistem as laranjas, que são a principal sobremesa das nossas refeições; e tão ricas que elas são em vitaminas! Como sempre vai-se procurando a pouco e pouco melhorar as nossas condições. Neste sector, para tal, plantam-se novas laranjeiras e da melhor qualidade. Há ainda outras facetas agrícolas. As sementeiras da fava e da ervilha. Também rico e saboroso alimento, apreciado por todos os Rapazes.

Pedidos — Mais dois a juntar à colecção. Desta vez o nosso problema é um cofre. Costuma haver nessas casas antigas, cofres contra todos os riscos. Se houver porventura para aí um, podeis mandá-lo para a nossa Casa do Tojal. Isto não é porque o dinheiro aqui seja muito, mas é para proteger o pouco que há dos *ratos.*

Agora, ainda outro pedido. Para conhecimento de todos a nossa festa anual realiza-se no dia 11 de Maio, como sempre no cinema Monumental. Esta festa reveste-se de grande interesse e importância, pois esta Casa comemora as bodas de prata. Os ensaios já começaram. No entanto, há qualquer coisa que falta. Instrumentos para a orquestra dos «Batatinhas». Vimos, portanto, por este meio, pedir a vossa colaboração nos nossos ensaios. Com a vossa ajuda poderemos apresentar um programa para o gosto de todos. Desde já muito obrigado.

Jorge

Equipa de futebol da Casa do Gaiato de Setúbal — em boa forma.

SETÚBAL

Escrevo para o Jornal pela primeira vez e com imenso prazer.

Festas — Começaram os ensaios cá em Casa, apesar de nós não termos muita vontade de fazermos festa, devido à morte do Faustino; mas

TRIBUNA de Coimbra

O tio Zé de Fátima voltou outra vez com o carro carregado de roupas, bolachas, tremoços e alegria. Veio um dos nossos com quinhentos e outro com cem e outro com quinhentos e bolos-rei, e outro com o bacalhau para a consoada e outros com outras coisas.

Vieram visitantes: com 220, uma senhora doente de Chão de Couce com quinhentos, uma filha com duzentos, um senhor com mil, alunos do Liceu D. Duarte com 250, alunos do Colégio da Raínha Santa com mimos, a cabaz de Natal da Escola Brotero, alguém com cem, uma senhora com mil, viúva de amigo nosso com dois mil, amigo com quatrocentos, um casal novo com 250, alguém com cinquenta, amigo pessoal de Pai Américo com três mil, anónimo de Mira com mil e quinhentos, visinhos com 220, amigos de Tomar voltaram com filhós, feijão, carne e mimos, um grupo de amigos com setecentos por uma senhora, o amigo da primeira hora com bolos-rei, rebuçados e mil, um pai e seus filhinhos com um grande perú.

O domingo antes de Natal encheu-nos a Casa de amigos. Quiseram preparar o Natal connosco. Vieram de Coimbra e arrabaldes, do Luso e de Arganil. Trouxeram alegria, música, dinheiro, embrulhos, um mundo de coisas de comes e bebes e os dois pinheiros do nosso jardim ficaram arrazados de brinquedos. Houve palmas, houve risos, houve lágrimas, houve promessas de voltar. Nunca niguém se tinha lembrado de uma festa assim.

Nas minhas mãos também muitos têm deixado seu presente: cem do aniversário, cem para transporte, 20 mais 100 mais 50 mais 20 mais 1.000 numa reunião, mil de família pobre entregues por senhora Vicentina, cinquenta na Lousã, a anónima de Miranda do Corvo, cem de visita a médico, quinhentos das economias de uma mãe, quinhentos (para um leilão) à porta de uma farmácia, quinhentos do primeiro ordenado de jovem professora, cem num estabelecimento, quinhentos da senhora do Bazar, cem dum sacerdote, 100 mais 20 mais 50 mais 300 mais 20 em Santa Cruz, quarenta na rua, mil e quinhentos à porta da sua farmácia, cem em casa, cem de amigo, cem em casa, 450 do pessoal da Casa Mendes, cinquenta dum amigo, cem de sacerdote, vinte cobertores.

Os vendedores de «O Gaiato» também trouxeram: três mil de Leiria a sufragar uma alma, cem em Coimbra todos os meses, cinquenta em Castelo Branco, cem em Coimbra, trezentos na Covilhã, setecentos do Salão Azul de Coimbra, muitos embrulhos e roupas e calçado.

A Casa do Castelo continua a ser o nosso depósito da Baixa. Lá encontrámos: 50 mais 50 mais 50 mais 50 mais 50 mais 50 mais 100 mais 50 mais 200 mais 1.000 de prenda do Menino Jesus, mais as sempre amiguitas Maria Helena e Maria Isabel, muitos embrulhos e outras coisas, quinhentos «em memória dum jovem de 20 anos, filho único».

O correio trouxe-nos: mil de Leiria de «dois jovens felizes», as contribuições mensais de Coimbra, Almalaguês, Luso e Vilar Formoso, cem de Sátão, 80 da Figueira da Foz, mil e vinte de Tomar, cem de C. A., cinquenta de Lisboa, duzentos para o almoço melhorado na festa de N. S. da Conceição, cem da S. N. de Sabões, 250 da Auto-Industrial, os mimos das Fábricas Triunfo, os materiais da Fábrica de Cortumes, duzentos de pároco da cidade, cinquenta de Torres Novas, cem de Grândola, mil do Banco Borges e Irmão, cinquenta, cem de Taveiro, três mil de médico de Coimbra, 250 de Castanheira de Pera, quinhentos do Grémio do Arróz, cinquenta do Entroncamento, cem de avó da Sertã, cem de Anadia, cem da Pereira, 250 «duma portuense qualquer», cem de Geraldes, 250 de Coimbra, cem de Lisboa, mil de Lisboeta «com especial predilecção por tudo o que vai de Coimbra a Arganil», mil e quinhentos do Grémio da Panificação de Coimbra, cinquenta de Tomar, metade dum cheque de velho amigo para atenuar o prejuízo da peste suina africana.

Outra grande prenda foi a de visinho sempre muito amigo que quiz que todos tivessem calçado para a semana e foi uma grande festa.

Demos graças a Deus que reparte com os homens a Sua Bondade.

Padre Horácio

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

que valerá. Só logo o saberei, como mero espectador, ainda que interveniente por dever e responsável maior por posição. O que posso afirmar é que a calma é contagiante, como a excitação. E tão sem ondas foi a preparação da Festa, este ano, que quase não dei por ela e me surpreende porque é hoje já. O que o **espectáculo** é — não sei. Tampouco o que valerá. Mas nem por isso me bule o coração.

Nem eu próprio pensei o que dizer no fim. E nem assim me bule o coração. Ó bem-aventurança!

Hoje celebrei por intenção das Festas. Que os nossos Rapazes compreendam a missão em que foram investidos: apertar laços de amor fraterno. E percebam o amor e se estimulem pelo amor de que são objecto da parte de quem nos procura e tanto estima o encontro.

Em cada dia de Festa celebrarei pelo Povo da terra aonde formos. É justo: amor com amor se paga! E nós queremos que este amor seja purificado e revalorizado por Cristo, o Irmão mais velho.

Aos Rapazes que ficam, pedimos ontem que compreendam e respeitem o trabalho e a responsabilidade dos que vão peregrinar — e lhes sejam uma retaguarda sã, revigorante.

Também as Festas, com a sua aparência de brincadeira, têm outra face, muito séria, de trabalho em profundidade para «fazer de cada rapaz um homem».

Sabemos, por testemunhos irrecusáveis, quanto também ela ajuda (como toda a Obra e o seu Jornal) a tornar mais homens, outros que pela idade já o são.

Por isso as pomos na mão de Deus. Que o nosso pequenino dom seja para Ele oportunidade de multiplicação.

x x x

Amanhã — dia 19, Domingo, às 18,30 h. — como está programado, será o fecho da digressão no norte do País, com a segunda sessão no Coliseu do Porto.

SETÚBAL

Cont. da PRIMEIRA página

não obriga só os filhos a respeitar os pais, mas também estes a fazerem-se respeitar e obedecer. «De menino se torce o pepino» — é ainda a sabedoria natural que brotou da espontaneidade popular.

Se a criança, ou o adolescente vão pela chamada à consciência, todo o castigo físico deve ser banido; mas se não vão, e, exploram a situação, a nossa atitude de pais tem de ser outra — por amor, com sacrifício nosso e deles.

Educar é exigência da minha missão sacerdotal. Tarefa muito difícil, delicada, mas apaixonante. Educar é fazer crescer o homem na criança, no adolescente, no jovem e até no adulto. O homem é **homem** na consciência. É tanto mais homem quanto mais adere ao bem e detesta o mal. A educação nunca está terminada no homem. Nós educamo-nos educando.

A revolução da vida, operada pela técnica e abundância de riquezas, faz crer aos pais — educadores natos insubstituíveis — que também eles podem descansar desta missão inalienável e viverem a vida sem prisões e sem o odioso da educação, encarregando outro — colégios, internatos, amas, professores, sacerdotes ou religiosos — de educarem os seus filhos.

Assim nem os pais amadurecem, nem os filhos.

Padre Acílio

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Chegaram várias respostas ao apelo aqui feito para conservar a casa à família que ficou sem pai, na hora em que pretendia apaziguar uma contenda.

As ofertas e as palavras que as acompanhavam eram desiguais. S ponho que há motivo para refletirmos em conjunto sobre estas diversidades e talvez possamos aprender alguma coisa. Em primeiro lugar impressionou-me a Fé da maior parte. Às vezes vinha um donativo pequeno com a certeza de que a casa da viuva **não se venderia.** Aos mais fracos no acreditar poderia surgir esta pergunta: **Como é que 20 ou 50 escudos poderão pagar uma dívida de 30 contos?!...**

Recordo-me que uma carta trazia mesmo a seguinte afirmação: **a casa não se há-de vender.** E a verdade é que neste momento tudo se encaminha para liquidar a dívida.

Ao lado desta fé estava a força de caridade que muitos sabem existir ainda no coração dos homens. E estão apelava-se para isso: **Se todos os leitores do Gaiato quisessem... aquela família não saía de sua casa.**

Aqui é que podemos talvez fazer dois grupos. Os que lêem mas não sentem a aflição do seu semelhante e não tomam uma atitude de solidariedade. Vêem estendido na estrada o homem ferido e assaltado, mas passam adiante a contar que surjam samaritanos, e eles dispensam-se de prestar ajuda.

O outro grupo, bastante parecido com este, é o daqueles que lêem, mandam um donativo sem, todavia, ser o que as suas possibilidades permitiam. E dizem mesmo: **vai só esta importância porque certamente outros vão contribuir.** Quantas vezes é um engano. Este, e aquele, e muitos, pensam da mesma forma **e fica-se para** aquem do que era necessário. Deixo agora ao critério dos leitores o juízo a fazer dos que assim procedem e a indicação do caminho a seguir. Houve uma resposta que trouxe por inteiro a primeira prestação. Este não a teve à espera das ofertas dos outros que podiam não chegar a aparecer. A maioria não apareceu mesmo, pois, apesar dos milhares de leitores do «Famoso», as respostas não somaram meia centena. Valeu sobretudo **um empurrão** forte que liquidou a prestação maior, ficando agora em pé a de 7 e 5 contos, para as quais existem já algumas sobras.

Há motivo para nos regozijarmos, não tanto por ver este problema quase resolvido, mas particularmente pela bondade que Deus semeou no coração de muitos. Bem sabemos que o mundo seria diferente se cada um pensasse um pouco no seu vizinho do lado. E este a pensar em mim e eu a interessar-me por aqueles, formaríamos uma cadeia forte que abraçava todos os homens e na realidade os tornaria irmãos.

Padre Duarte

SETÚBAL

vemo-nos obrigado a fazer por diversos motivos.

Fu'ebol — O nosso onze, há meses atrás, teve um torneio, no qual ficámos em terceiro lugar; e desde aí até hoje, nunca mais tivemos adversários!

As equipes dos arredores já quase não têm vontade de jogar connosco porque levam sempre para cima de cinco. Temos uma nova equipa, a qual consideramos como os «juniores» e que, por pouca sorte, perdeu no domingo por quatro a três. Se alguma equipa estiver interessada em defrontar-se connosco, apareça que será **bem recebida. Avisem por telefone ou por carta.**

Lar — O nosso Lar foi construído há cerca de três anos e meio. Nos primeiros anos só cá estavam perto de quinze a vinte Rapazes. Hoje, estão uma média de trinta a cinquenta. No primeiro período as notas foram fracas, mas todos esperamos no segundo período alcançar notas mais altas. Neste Lar habitam cerca de trinta e cinco estudantes; uns na Escola Industrial e Comercial, outros no Externato e no Liceu.

Lavoura — O nosso pomar, frente aos galinheiros, tem as árvores carregadas de deliciosas laranjas. Parte delas são para nosso consumo e as restantes para vender. Os nossos campos estão cobertos de verdura; as ameixieiras, pessegueiros e pereiras estão, de novo a dar rebentos e mais adiante rica fruta.

Jorge Correia

A GORA

Pois vamos acabar esta saída invernosa de **Procissão,** com os grupos que não couberam no derradeiro relato e nele foram prometidos para breve.

Os de todos os meses:

Jorge e Berta com cinco presenças de 100$. Outras tantas, de 5 vezes menos, da Maria, do «Pequeno Louvre». A mesma **renda** de outra Berta, de Lisboa.

De Águeda, quatro vezes 50$. De Ois da Ribeira, 100$00 por mês, desde Junho /71 até ao passado Janeiro. Alda do Ribatejo com os seus 70$, de que me falta, certamente, o apontamento relativo aos meses anteriores, pois só tenho notícia de uma remessa.

Assinante 17740, 20$, com mais 50$ para outros destinos. É a Mãe do Rui. Sete envios de 60$ do Sr. **Major do Silêncio,** mais o resto com outras intenções.

Os Pessoais

Os do costume. Contudo uma surpreza. O do Grémio de Panificação do Norte só me aparece uma vez. Foi em Agosto do ano passado, com 57$50. E depois...? Que terá acontecido?

Os Funcionários da Caixa Textil do Porto, desde Julho /71 até Janeiro /72, com 300$00+ + 253$50 + 404$00 + 348$00 +279$00 + 756$00. É «o produto de 1$00 mensal» que os ditos funcionários se impuseram como contribuição voluntária. A brincar, só nestas remessas, juntaram 2.340$50. Se todos os funcionários de todas as Caixas se dessem à mesma «brincadeira», que resultado tão significativo se não alcançaria no fim do ano! E com um sacrifício que não sangra ninguém!

Pois estes há anos que perseveram e ainda se não cansaram do «brinquedo»! E, como se fôsse pouco esta dedicação, «nesta quadra natalícia, a exemplo dos anos anteriores, lembraram, uma vez mais essa Obra que tanto admiram e para qual juntaram a importância de 2.615$50, lamentando ser pouco para o muito mais que desejavam oferecer. Natal-1971».

Vem agora o Pessoal da Companhia Portuguesa de Electricidade, dividido em dois grupos, que, mensalmente, **assinam o ponto:** um com uma quantia à volta de centena e meia; o outro passa sempre dos mil.

Pois os dois grupos, somaram desde Julho último, até Fevereiro passado, 9.772$80.

Afinal a Direcção da Produção Hidráulica do Norte sempre se associou às prestações dos seus Funcionários com quantia igual à que eles amealharam — 6.375$20 — desde Outubro /70 a Maio /71.

Depois nada nos consta mais a respeito desta **sociedade.** Deus queira ela se não dissolva.

Lembra-se que estas contribuições provêm do Pessoal da ex-HICA. E agora que estão todos sob a mesma cabeça, não contagiam o Pessoal oriundo das outras Empresas da Rede Primária concentradas na C. P. E.?

Vamos agora aos das **Casas a Prestações:**

Começo por esta representação de Ponta Delgada — Capitania do Porto:

Há muitos anos que fiz a mim próprio a promessa de um dia contribuir para a construção de uma das várias casas.

Talvez já o pudesse ter feito antes mas parece-me agora não ser de protelar mais a minha intenção.

É portanto com esta finalidade que passarei a enviar quanto me for possível, até que daí me digam que já chega para uma casa.

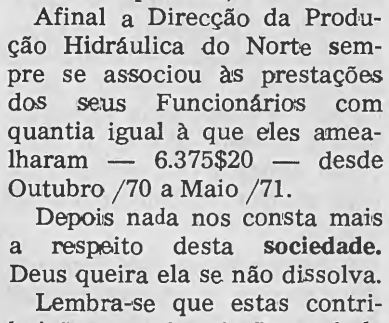
Esta notícia é de Agosto /71. Não encontro mais nenhuma. Será nossa a falta? Ao nosso correspondente aqui deixo o pedido de esclarecimento.

Mais duas «areínhas do amor.» De «Cruz», da Beira para a **Casa do meu Pai,** 1.100$ em várias vezes. 200 mais 200 para a **Casa de S.ta Filomena.** Mil para a **«Ajudai-me, Senhor».** «Mais três pedras para a **Casa de S. Carlos.** Fica portanto na 19.ª».

O casal — assinante 28562, mudou-se para o Porto. Mandou 800$ «relativos às prestações n.º 226 a 233»:

As questões relativas à aquisição da nossa habitação, à obtenção do empréstimo para o seu pagamento parcial e os trâmites burocráticos, para a legalização de tudo, de que ainda não estamos libertos, explicam o atraso com que temos efectuado os ultimos pagamentos.

Quinhentos para a **Casa sem Nome.** «Há já muitos anos



ando nas prestações. Não sei onde isto já vai». Nem nós! Vá andando e verá que não cansa. O mesmo para a **Casa Espírito Santo.** E outra vez o mesmo da R. de S. Ildefonso.

Este desabafo:

Há anos já fiz uma promessa de contribuir com a importância então de 12 mil escudos para uma casa do «Património dos Pobres» que então pedi para se ficar chamando «Agradecida a Deus». Comecei essa contribuição em 1969 em Abril, Maio e Junho, em cada um deles com mil escudos. Depois em Fevereiro de 1970 com dois mil escudos. Tenho agora a grande satisfação de, com a ajuda de Deus, satisfazer a promessa por completo. Como tudo encareceu, enviarei dez mil escudos, perfazendo assim na totalidade desasseis mil escudos.

«Desejaria que, edificada a casa, me fosse dado conhecimento, pois teria grande prazer em auxiliar o seu apetrechamento».

Quanto a este último parágrafo, cujo sublinhado nos pertence, remetemos a nossa amiga para a doutrina sobre placas, aqui exposta muitas vezes, nos últimos tempos.

MM — AL, quatro vezes mil escudos. Outra **Casa de S.ta Filomena:** 500$ + 200$, de Alice de letra bonita.

Mais 2.000$ para a **Casa de S.ta Teresinha.** É a sobrinha que manda em nome da Tia. Assim perfaz 43 contos.

O assinante 6790 com mais presenças e este recado:

Com algum atraso em relação à regularidade habitual envio mais duas prestações para ajuda da Obra «Património dos Pobres». Com elas ultrapasso, ligeiramente, os 20 contos, importância que me propuz atingir como indispensável para concretização de uma pequena habitação — ainda que modesta — para uma família necessitada, «onde quizer, como quizer e para quem quizer». Foi um contributo modesto é certo mas que revelará, suponho, uma fidelidade pendular, de muitos anos, a uma iniciativa de altíssimo merecimento que desde o início me cativa.

Agradecia que, no altar recordasse a bela alma de minha Mãe, felecida há pouco, e a cuja memória dedico tudo quanto fiz em favor do Património dos Pobres.

Recado atendido.

Duas vezes 500$ para as **Casas das Três Marias** e da **Rosarinha,** com a muita compreensão de Maria Antonieta.

Ora vejam!:

Elas, as casas, naturalmente nunca serão feitas pois agora todo o dinheiro do Património é dado para ajudar as pessoas a acabar de construir as suas casas (o que eu acho muito bem) mas eu continuo a mandar com a mesma intenção. Quando comecei era um sonho maravihoso que me animava, agora já não espero ver esse sonho realizado, mas peço a Deus que não me deixe esmorecer e mandar com o mesmo entusiasmo tudo o que puder, com a certeza que irá ajudar muitos irmãos a possuir a sua casa.

Quatro prestações de mil para a **Casa do David.** Quatro de 1500$ para a **Casa Assunção** e duas de outrotanto para a **Casa Coroação.**

Esta exclamação alegre e amiga do nosso «Desconhecido»:

Até que enfim! Junto 4.000$ ultima prestação para a Casa de S. Nicolau. **Levou o seu tempo mas chegou ao fim. Os encargos são tantos e a vida está tão cara que há dificuldades em cumprir obrigações contraidas. Perante a Casa do Gaiato eu tenho a mesma obrigação de responder como tenho junto do merceeiro.**

E agora terminemos com a belíssima oração do «Romeiro do Porto»:

Já, aos poucos, eu enviara 6 prestações de 1.000$00 para a Casa da Sagrada Família. **Hoje consegui começar a pagar a minha Casa, que é afinal uma parte de andar em propriedade horizontal e que iremos pagando em longos 20 anos, nada para a eternidade.**

Justo é que, embora com sacrifício, me apresse a pagar o mais adiantado possível uma casa para o Património dos Pobres que vi nascer no Amor através do Rev.º Padre Américo e quem, como eu viu a Paixão e amor acendrado com que esta Obra foi iniciada, compreende o Amor.

Chama-se de Sagrada Família **pois é produto do 1.º ordenado de minha filha e também de muitas restrições que minha mulher e eu, acompanhados dos filhos, fizemos.**

Um pedido

Há dias, num diário da capital, junto a um estupendo artigo sobre «Recrutamento e Formação», ficámos suspensos na publicidade de quatro modelos de fotocopiadoras, **por meio das quais se conseguem «cópias de livros, objectos, etc., em quaisquer cores, sem perigo de inutilização do original».**

E nós para aqui virados ao «stencil»... sem o velho copiador em nossa Casa...!

Quem será capaz de nos oferecer uma qualificada fotocopiadora? **Tão necessária (quase diria indispensável) aos nossos serviços de Formação Profissional!**

Esperamos uma resposta.

Júlio Mendes

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

Há menores vádios, que se tornam insuportáveis no meio ambiente ou familiar, porque não há vigilância efectiva e ajustada a idades que lhes impeça a frequência de tais casas. Recebemos, há pouco, um Rapaz que já frequentou todas essas casas da Cidade menos uma. Ele diz que só não foi a uma. E isto desde o abrir de portas até ao fecho. Que feridas a sarar naquela alma! Eu próprio já vi um grupo de miúdos, desses que nos estendem a mão à porta da Igreja, a tentar a entrada num bar.

Sei que há males em todas as latitudes. Mas não há nada a fazer? Teremos de acusar a nossa sociedade como incontida em devaneios imorais? Quem pode ser chamado à responsabilidade? Acaso nos atrevemos a dizer: «porventura sou eu o guarda do meu irmão?».

Parece-me haver exagero na proporção de males inerentes aos benefícios do desenvolvimento. Cada sociedade tem os males que merece. Porque é que a nossa, ainda tem de recorrer à importação para manter a prostituição? A licenciosidade de costumes, denominador comum de todas as sociedades, mas menos das menos evoluídas, não pode servir de apoio a um turismo válido. «Não se pode falar de progresso em qualquer lado, onde a dignidade humana esteja exposta ao perigo de se degradar e de se deprimir» disse o S.to Padre há dias à vereação de Roma.

Ou será que apenas temos de nos agarrar a isso, por falta de mais que oferecer a quem nos visita? A evolução, dita cultural, de uma sociedade, implica prós e contras — de acordo — mas não justifica estes. Não podemos aceitar uma falsa moral que pretenda eliminar males que não têm cura. Mas aceitamos que há necessidade de os limitar em normas que não ofendam aqueles que têm o direito de não serem ofendidos. Como as crianças.

Acuso, pois, deste cantinho do Gaiato, aqueles que aceitam os bares, com o seu horário, os seus costumes, os seus actores das peças de cada dia ou de cada noite, a quem exigem duplicidade de vida, de moral e de honra.

Acuso todos aqueles que não medem as repercussões dos seus actos, que necessáriamente implicam e complicam um panorama social onde, para além dos direitos à liberdade de cada um, há deveres a que andam alheios.

Acuso aqueles responsáveis na conduta moral das pessoas, que ficam de mãos ao peito ou no bolso, comprometidos intimamente com situações que eles próprios ajudam a criar e que para as situações emergentes não mexem, nem os dedos, para ajudar a resolvê-las.

Se nesta «minha guerra» não tenho o direito de desonrar os mortos (porque defendem e salvam a honra dos outros, dos realmente honrados) não posso descurar os feridos. Aceito para mim a responsabilidade ou antes a tarefa de tratar deles, mas não deixo de afirmar, com a consciência limpa, que sou daqueles que não têm culpa nenhuma no assunto.

Padre José Maria

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE